



Relações de Gênero no Meio Rural: o Papel da Mulher na Agricultura Familiar da Comunidade Vila Nova, Capanema, Nordeste Paraense

Gender Relations in The Rural Area: The Role of Women in The Family Agriculture of the Vila Nova Community, Capanema, Northeast Paraense

BEZERRA, Dimas Monteiro¹; PINHEIRO, Hellem Dayane dos Santos¹; MELO JÚNIOR, Luiz Cláudio Moreira¹.

¹Universidade Federal Rural da Amazônia do Campus Capanema, dimaspalmeiras2@gmail.com, danypinheiro.p@gmail.com; luiz.mmelo@hotmail.com

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi analisar o papel da mulher no contexto da agricultura familiar da comunidade de Vila Nova, Capanema, Nordeste Paraense. A pesquisa foi realizada na comunidade rural de Vila Nova, localizada a 26 Km da sede do município de Capanema, às margens da Rodovia PA 448. A comunidade possui 40 famílias, que sobrevivem, principalmente, da agricultura de base familiar. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionários e entrevistas junto a 20 moradores da comunidade, sendo 15 mulheres e 5 homens. Constatou-se que as moradoras da comunidade exercem atividades agrícolas, as quais fazem parte da sua trajetória de vida, muito embora, na visão dos homens, o trabalho feminino na agricultura seja visto apenas como “ajuda”. O desejo por uma vida melhor move as mulheres entrevistadas a irem em busca dos seus sonhos e projetar isso. A mulher tem ganhado cada vez mais destaque no meio agrícola da comunidade por sua aceitabilidade do novo, por não ter medo da mudança, tornando-a a principal agente transformadora da comunidade de Vila nova.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Pluralidade, Trabalho feminino.

Abstract: The objective of the present work is to present a discussion about the way of acting and influence of the woman in the agricultural environment of the community of Vila Nova, Capanema - PA. The research was carried out in the Community of Vila Nova located 26 km from the municipality of Capanema on the banks of PA 448 and is made up of 40 families, which are mostly based on family farming. Data were acquired through the analysis of questionnaires and interviews with 20 community residents, 15 women and 5 men. Through the analysis, the results obtained during the interviews conducted in the community, it was possible to verify some characteristics of the woman 's performance in the family agriculture of the region. The majority of the community live in agricultural activities, which are part of their life trajectory. The desire for a better life moves these women to pursue their dreams and project it. This woman has been gaining more and more prominence in the agricultural community because of her acceptability of the new, because she is not afraid of change, making her the main agent of the Vila Nova community.

Keywords: Family farming, plurality, female work.



Introdução

A agricultura familiar no Brasil é caracterizada pela participação de todos os membros da família na produção. Entretanto, é dado maior destaque ao homem como principal membro deste grupo familiar. O trabalho feminino tem sido marginalizado, seja na esfera do domicílio, no cuidado da casa, dos filhos, da horta e na "ajuda" prestada ao marido. Mesmo que ainda haja preconceito, a mulher se destaca por possuir maior facilidade em adotar novos hábitos e promover avanços no meio rural. A sua presença na agricultura tem se destacado a cada ano, com o reconhecimento da importância do gênero feminino no Brasil e no mundo (BARDUNI FILHO et al., 2015; MARION & BONA, 2016).

A produção agrícola da comunidade Vila Nova é caracterizada principalmente pelo plantio de mandioca e feijão Caupi. O preparo da área é realizado pelos homens e o plantio por mulheres. Os cuidados com a área e com a colheita são realizados por todos os membros que compõem a família. Cerca de 60% do que é produzido na comunidade é voltado para a segurança alimentar da própria família e os outros 40% são destinados para a venda, fortalecendo a renda familiar. A renda da família é controlada, majoritariamente, pelos homens da família, fazendo com que a mulher ocupe papel secundário na administração da renda familiar. A mulher da comunidade ainda é vista como a dona de casa, que auxilia o marido no campo, mesmo sendo ela a maior responsável pela produção e adoção de novos métodos de produção na propriedade.

O objetivo deste trabalho foi analisar o papel da mulher no contexto da agricultura familiar da comunidade rural de Vila Nova, Capanema, Nordeste Paraense.

Referencial Teórico

A agricultura familiar não é propriamente um termo novo, mas seu uso recente, com ampla penetração nos meios acadêmicos, nas políticas de governo e nos movimentos sociais, adquire novas significações (ALTAFIN, 2007). Destaca-se a forte presença da agricultura familiar no estado do Pará, principalmente na região do nordeste paraense, região na qual as famílias utilizam a produção agrícola como principal e, por vezes, única, fonte de renda e sustento.

Cordeiro (2007) afirma que a agricultura familiar é um sistema cuja produção e consumo são voltados para diferentes estratégias de reprodução dos grupos familiares e onde as relações de trabalho são organizadas a partir dos seus diferentes membros. Prioritariamente, utiliza a mão-de-obra da família e a contratação de trabalho assalariado ocorre de forma esporádica e ocasional.

Segundo Santos et al. (1997) é útil ressaltar que uma das principais preocupações da pesquisa agrícola deve estar voltada para a geração de inovações tecnológicas,



social e ecologicamente apropriadas, acessíveis ao pequeno produtor. Entretanto, em meio a essas discussões, surgem diversas opiniões acerca da estruturação da agricultura familiar. Como afirma Altafin (2007), convém reunirmos elementos que nos permitam compreender o modo de vida camponês e sua influência no funcionamento das unidades familiares de produção nos dias atuais.

A presença das mulheres na agricultura familiar tem se fortalecido com o reconhecimento da importância do gênero feminino na dinâmica das áreas rurais no Brasil e no mundo. De acordo com a Secretaria Especial de Desenvolvimento Agrário, mais de 14 milhões de mulheres que estão no campo, nas lavouras, nas comunidades quilombolas e indígenas, nas reservas extrativistas são protagonistas da agricultura familiar no Brasil. 45% dos produtos são plantados e colhidos pelas mãos femininas (SANTOS, 2017; FELICIANO, 2017).

Apesar dos vários avanços alcançados, a mulher do campo ainda é vista como “dona de casa” devido a visão machista e retrógrada da sociedade, que considera a mulher do campo apenas como “ajudante” do homem na lavoura, deixando-a em uma situação de invisibilidade social. A mulher exerce múltiplas atividades, sendo ela responsável pelo cuidado com os filhos, com a casa, com a renda familiar, lavoura, criação de pequenos animais, mas, ainda assim, é tida como “auxiliar”. Percebe-se, portanto, que as mulheres não possuem consciência da repressão de gênero a que estão sujeitas, pois elas próprias veem naturalmente suas atividades ligadas à esfera doméstica - reprodutiva, ainda que tenham uma carga de trabalho excessivamente intensa e cansativa. Isso ocorre devido ao ideário de família nuclear existente no meio rural, com papéis bem definidos entre os membros do grupo familiar, que faz do homem o “chefe” da família e a mulher apenas mais um membro da mesma.

Metodologia

O trabalho foi realizado na comunidade rural de Vila Nova, localizada a 26 Km da sede do município de Capanema, às margens da Rodovia PA 448. É formada por 40 famílias, que, majoritariamente, retiram o seu sustento da atividade agrícola.

O levantamento de dados foi realizado por meio da aplicação de questionário contendo perguntas objetivas e subjetivas nos dias 05 e 06 de março de 2018. Optou-se por essa forma de estruturação para desenvolver um vínculo de confiança com o entrevistado facilitando, assim, a total compreensão do tema abordado. O questionário foi aplicado junto a 15 mulheres e 5 homens. O questionário respondido pelos homens visava obter a visão masculina sobre o trabalho feminino na agricultura.

Durante a pesquisa de campo, contou-se com o auxílio de equipamento audiovisual para registrar as conversas e obter registros fotográficos da comunidade. Os dados

obtidos foram tabulados com o auxílio de planilha eletrônica do EXCEL 2010 para a elaboração de gráficos representativos.

Resultados e discussões

Constatou-se que 60% dos entrevistados estavam casados e possuíam mais de 40 anos de idade (Figura 1 A). Entre os entrevistados que possuem mais de 60 anos, é evidente a preocupação com o parceiro, fato expresso por dona Angelita, 63 anos: “Agora não vou mais pra roça não, porque meu velho “ta” adoentado, e eu cuido dele. Mas meus filhos trabalham e ajudam no nosso sustento”.

Entre os entrevistados, 10% são viúvos, todas mulheres, entre elas a dona Francisca, 54 anos, viúva há dois anos, que continua trabalhando na lavoura da família com o auxílio de seus filhos. Conforme a entrevistada: “Esse ano não plantei nada, mas paguei pra arar, para o Rafa (filho), plantar para nós. Quando dá, eu vou lá ajudar ele, mas já faz um bom tempo que não vou lá”.

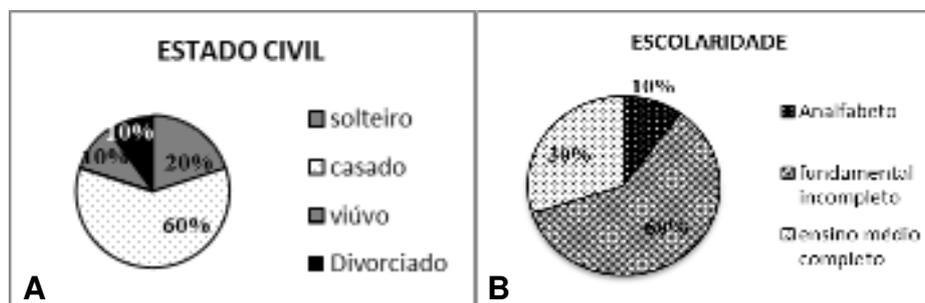


Figura 1: (A) Estado civil dos moradores da comunidade; (B) Grau de instrução escolar dos moradores da comunidade.

A figura 1 (B) evidencia que o nível de escolaridade dos entrevistados é maior entre as mulheres. 10% dos entrevistados são homens analfabetos, que afirmam não ter estudado devido à obrigação de ajudar o pai na lavoura. 30% são mulheres que concluíram o ensino médio. Segundo Karam (2004), as mulheres em idade escolar são mais persistentes nos estudos, repetem menos de ano e possuem maior assiduidade na escola. Tal comportamento é especialmente incentivado pelas mães, as quais buscam dar às filhas um futuro melhor. Quanto aos que não completaram o ensino fundamental, totalizaram 60%, dos quais mais da metade são mulheres que, no mínimo, estudaram, até a 5ª série (ou sexto ano). Vale ressaltar que essas mulheres se encontram acima dos 40 anos de idade e encontravam diversas dificuldades para ir à escola, além de terem que ajudar os pais na lavoura e na casa. Em função das dificuldades encontradas no passado, essas mulheres incentivam seus filhos e netos a estudarem, como afirma Dona Francisca: “Eu não cobro nada

dela (filha), só quero que ela estude, estou esperando sair o resultado dessa segunda chamada do SISU, ai vou prestar conta com ela”.

O sonho de ter uma filha ou um filho cursando o nível superior ficou evidente nesse trecho da fala de Dona Francisca, que sonha que os filhos tenham acesso aos estudos que ela não teve.

As famílias da comunidade são compostas por pessoas com faixa etária entre 21 e 80 anos (62%), crianças menores de 15 anos (29%) e adolescentes entre, 15 e 21 anos (9%) (Figura 2 A). O menor percentual de jovens e adolescentes presentes nas famílias está relacionado ao êxodo dos jovens para as cidades, que migram em busca de melhores condições de vida, fato também observado por Pizaia et al. (2015) quando afirma que as principais causas para as emigrações de jovens das áreas rurais são as dificuldades econômicas e a falta de oportunidade no meio rural, o que leva o jovem a imigrar para a cidade atrás de trabalho e melhores condições de vida. A migração dos jovens e adolescentes da comunidade se dá principalmente para três cidades: Capanema, Bragança e Belém, conforme relatado pelos entrevistados, principalmente para estudar e trabalhar.

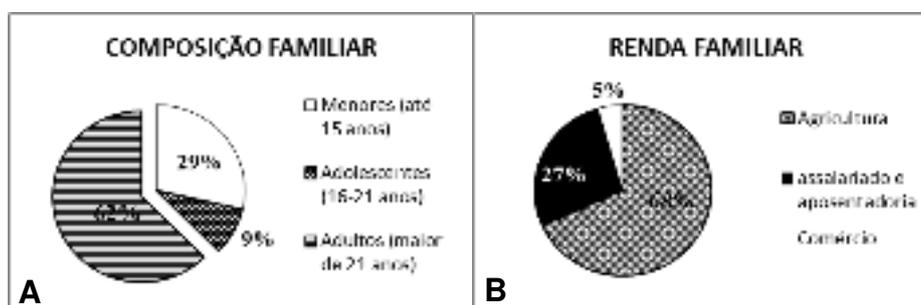


Figura 2: (A) composição familiar de acordo com a faixa etária descrita pelos entrevistados; (B) Composição da renda familiar dos moradores da comunidade.

A renda das famílias da comunidade advém, principalmente, das atividades agrícolas (68%), como demonstrado na figura 2 (B). Os moradores da comunidade produzem, principalmente, a mandioca e seus derivados (farinha, tapioca e tucupi), milho e feijão caupi. Metade da produção é destinada para a segurança alimentar da família e a outra metade é destinada para venda. A segunda maior fonte de renda apresentada pelos entrevistados foi a aposentadoria. Apenas 5% tiram seu sustento de atividades comerciais, como mercearias e bares.

As mulheres da comunidade possuem um importante papel na composição da renda familiar, de acordo com o que foi relatado pelos entrevistados. Segundo o que se observa na figura 3 (A), 40% que afirmaram ser o provedor do sustento da casa metade são mulheres, que subsidiam seus lares por meio da agricultura e outras atividades exercidas por elas. Os outros 60% dos entrevistados afirmaram contribuir

apenas com a metade da renda familiar, mais uma vez mostrando a importância da mulher no sustento de casa, desenvolvendo diversas atividades, como hortas, venda de cosméticos, venda de roupas, tudo para contribuir com a renda do lar e ter o seu próprio dinheiro, mostrando que a mulher pode ser dona de casa e, ainda assim, contribuir, total ou parcialmente, com a renda da família.

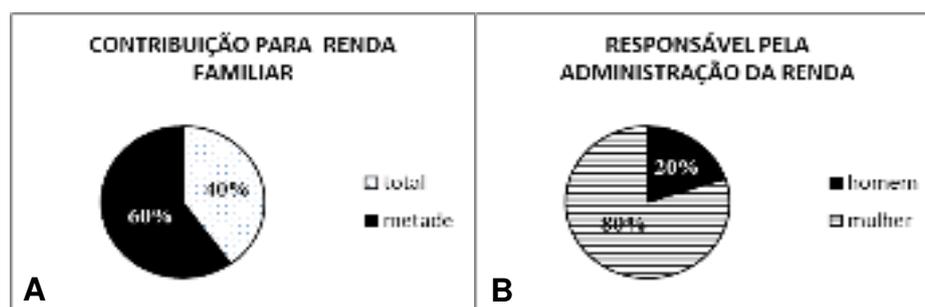


Figura 3: (A) parcela de contribuição individual para composição da renda familiar dos entrevistados; (B) Pessoa encarregada pela administração da renda familiar.

A administração da renda familiar dos moradores da comunidade de Vila Nova está centrada nas mãos femininas. A figura 3 (B) demonstra que 80% dos entrevistados afirmaram que uma mulher administra as finanças do lar. Tal fato se dá, de acordo com os entrevistados, devido à flexibilidade e capacidade de economizar. Como afirma Raimundo, 65 anos: “E ela (filha) que cuida da casa, do meu dinheiro, e ela quem está trabalhando na minha roça, tudo é ela”.

Em apenas 20% dos casos um homem possui o poder de decisão na hora da definição dos gastos domésticos, o que demonstra o emponderamento da mulher na comunidade.

Apenas 15% das famílias da comunidade possuem acesso aos auxílios governamentais, como o advindo do Programa Bolsa Família (Figura 4 (A)). Isso ocorre, provavelmente, pela migração de jovens e adolescentes para o meio urbano, quando param de estudar e buscam emprego para se sustentar e, quem sabe, ajudar os pais. Como um dos objetivos do programa é evitar a evasão escolar, os beneficiários que não cumprem são penalizados com a suspensão ou perda do benefício, fato expresso pelos 85% que não recebem o auxílio. Dona Marilena, 52 anos, conta em um de seus relatos durante a entrevista como perdeu o auxílio: “Eu recebia da minha filha o Bolsa Família, mas ela foi embora para Belém trabalhar, recebi por uns três meses e depois foi broqueado”.

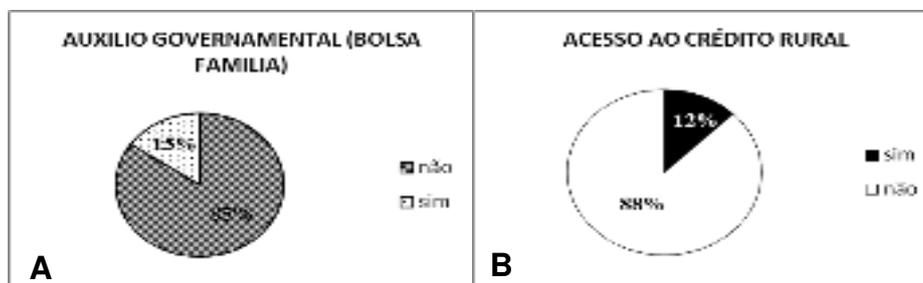


Figura 4: (A) acesso a programa governamental de incentivo a erradicação da fome; (B) Acesso a programas de credito rural como PRONAF, PRONAF mulher, etc.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) tem desempenhado papel importante na vida de algumas moradoras da comunidade. A figura 4 (B) aponta que 12% dos entrevistados tiveram acesso a essa linha de credito. Esses beneficiários são mulheres que desenvolvem, exclusivamente, atividades agrícolas, como a dona Giselle, 26 anos, que contou como está sendo a sua experiência com o programa: “Eu recebo o PRONAF do projeto Amazônia Florescer, já faz uns dois anos e graças a ele tenho minha ‘roça’, minha casinha e não tenho medo do trabalho, tudo que tiver que fazer eu faço”.

Nas propriedades agrícolas da comunidade são desenvolvidas diversas atividades, como o plantio do feijão caupi, do milho e da mandioca (80%). Apenas 12% das propriedades possuem implantados sistemas agroflorestais, incentivados pelo Pronaf, e 8% dos entrevistados afirmam ter criação de pequenos animais na propriedade, geralmente voltada para a segurança alimentar da própria família.



Figura 5: (A) Atividades desenvolvidas nas áreas dos entrevistados; (B) Tempo disponibilizado pelos entrevistados para atividades agrícolas; (C) Tempo disponibilizado pelos entrevistados Para desenvolvimento de atividades do lar.

As atividades agrícolas, de modo geral, necessitam de bastante tempo para ser desenvolvidas. Na figura 5 (B), observa-se que a disponibilidade de tempo dos entrevistados para desenvolver atividades agrícolas. 60% das mulheres gastam entre três ou quatro horas na lavoura, pois necessitam realizar suas atividades domésticas. 20% disponibilizam de uma a três horas para desenvolver as atividades



agrícolas, percentual esse exclusivamente composto por mulheres que “ajudam” os maridos na lavoura, com o plantio e a colheita. Dos 20% que disponibilizam mais de quatro horas para atividades agrícolas há apenas uma mulher a qual afirma desenvolver todas as atividades na lavoura: “Eu faço tudo na roça: capino, destoco, planto, colho, vendo. Não me troco por homem não, meu filho me ajuda e isso é o bastante (Giselle, 26 anos)”.

A afirmação dada dessa agricultora demonstra que, cada vez mais, a mulher tem ganhado papel de destaque na agricultura. Conforme relatou uma entrevistada, “*Não me troco por homem não...*”, o que revela que a mulher tem assumido lugar de destaque na sociedade, deixando de ser subjugada pelo homem.

O tempo gasto pelos entrevistados com as atividades domésticas foi respondido exclusivamente por mulheres, uma vez que os homens entrevistados não realizam atividades domésticas. A figura 5 (C) aponta que 25% delas passam mais de quatro horas desenvolvendo atividades do lar; 35% gastam de três a quatro horas com essas atividades. Os 40% que afirmam dispor apenas de uma a três horas para as atividades domésticas são mulheres que passam de três a quatro horas na lavoura, além de outras atividades desenvolvidas por elas.

Quando questionados sobre a importância do trabalho feminino, a figura 12 revela que 75% dos entrevistados considera como muito importante, como o Sr. José, 58 anos, que contou sobre a importância da ajuda da mulher na lavoura: “Eu acho muito importante isso, minha mulher ajuda bastante, eu vou destoco, ela vem e me ajuda na capina e a plantar”.

Quanto aos que consideram o trabalho feminino apenas importante totalizaram 15%, os quais são mulheres que desenvolvem outras atividades, além da agricultura. Os que consideram irrelevante, totalizaram 10%, exclusivamente composto por homens. A principal justificativa dada por eles é a falta de força da mulher para o trabalho pesado e a obrigação da mulher em cuidar da casa, o que evidencia o preconceito sofrido pela mulher no dia-a-dia. Sr. João, 60 anos, fez a seguinte afirmação durante a entrevista: “A mulher é fraca, não gosta de trabalhar no pesado, tem mais e que cuidar da casa né?”

Conforme mostra a figura 6 (B), a principal dificuldade enfrentada pela mulher na agricultura é o serviço pesado, totalizando 55% das respostas. De acordo com os entrevistados, a mulher é capaz de plantar e colher, mas não é capaz de realizar a limpeza da área, a preparação da terra, entre outros fatores. 20% afirmam que as condições de saúde limitam as mulheres na atividade agrícola, pois, com o decorrer do tempo, é mais evidente nas mulheres o efeito do desgaste físico. Um fato que diz muito sobre as dificuldades encontradas é o preconceito, que totalizou 25% das respostas, o qual é praticado, principalmente, por homens, os quais se acham superior à mulher, devido desenvolver a atividade agrícola por mais tempo que elas, além de considerarem que a mulher deve ficar em casa cuidando do lar e dos filhos,



como ressaltado pelo Sr. Malaquias, 56 anos: “A minha mulher tem que ficar em casa, porque só eu trabalhando está bom, o Caio (filho) está pequeno e precisa da mãe aqui”.

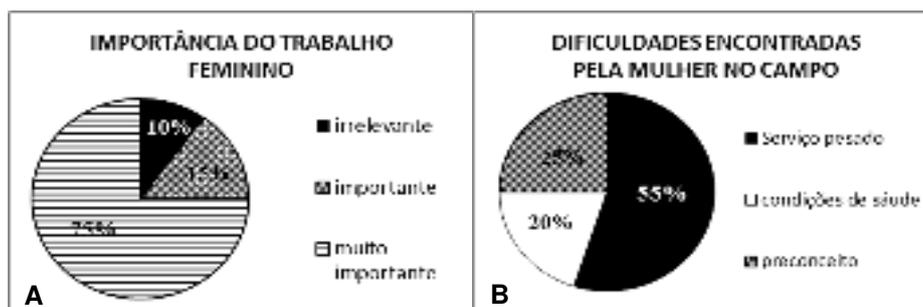


Figura 6: (A) Grau de importância atribuído pelos entrevistados a atuação da mulher na agricultura; (B) Principais empecilhos encontrados pela mulher no desenvolvimento da atividade agrícola citados pelos entrevistados.

Conclusões

Muitos ainda serão os impasses enfrentados pela mulher na sociedade na busca pelo seu protagonismo e igualdade social, haja vista que por vezes a própria ainda possui certa dificuldade de se identificar como agente principal de transformação do meio rural. Muito ainda precisa ser mudado na mentalidade dos homens da comunidade, porém esses mesmos homens são reconhecedores da importância da mulher tanto nas atividades agrícolas quanto no controle das finanças e cuidado do lar. As moradoras da comunidade exercem atividades agrícolas, as quais fazem parte da sua trajetória de vida. O desejo por uma vida melhor move essas mulheres a irem em busca dos seus sonhos e projetar isso. Destaque-se o fato de a mulher ter ganhado cada vez mais espaço no meio agrícola da comunidade, por sua aceitabilidade do novo, por não ter medo da mudança, tornando-a a principal agente transformadora da comunidade de Vila Nova.

Referências bibliográficas

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.

BARDONI FILHO, J.; DELESPOSTE, A. G.; CARVALHO, A. L. F. **As novas perspectivas das relações de gênero no meio rural: o papel feminino em (re) construção**. Universidade Federal de Viçosa, 2015.



CORDEIRO, R. de L. M. Agricultura familiar, trabalho feminino e ação coletiva. **Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social**, v. 14, p. 1-13, 2007.

FELICIANO, R. **A mulher rural como agente de transformação**. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, 2017.

KARAM, K. F. **Mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades**. Santa Catarina, 2004.

MARION, A. A.; BONA, A. N. **a importância da mulher na agricultura familiar**. Unicentro, 2016.

PIZAIA, J. C.; OLIVEIRA, A. P. S.; MOURA, D. A. V. **O papel da mulher nos estabelecimentos de agricultura familiar na microrregião geográfica de Faxinal (PR)**. Curitiba – PR, 2015.

SANTOS, A. J. M. dos et al. **A pequena agricultura familiar paraense: uma abordagem econômica e sociológica**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1997. 37p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 94)

SANTOS, D. **Mulheres rurais: fortalecimento de práticas agroecológicas**. SEAFDA, 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/mulheres-rurais-fortalecimento-de-pr%C3%A1ticas-agroecol%C3%B3gicas>. Acesso em: 15/01/2018 as 18:30 h.